



RELISE

**ESPELHO D'ALMA: METODOLOGIA FORMATIVA PARA A
REORGANIZAÇÃO DE PROCESSOS DE VERIFICAÇÃO IDENTITÁRIA EM
DIREÇÃO À AGÊNCIA EMPREENDEDORA EM MULHERES EM SITUAÇÃO
DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA¹**

*MIRROR OF THE SOUL: A FORMATIVE METHODOLOGY FOR THE
REORGANIZATION OF IDENTITY VERIFICATION PROCESSES TOWARD
ENTREPRENEURIAL AGENCY IN WOMEN EXPERIENCING DOMESTIC
VIOLENCE*

Caroline Pegoraro de Souza²

Jane Mendes Ferreira Fernandes³

RESUMO

O interacionismo simbólico é usado neste estudo como base para a construção de um artefato formativo voltado à reorganização identitária de mulheres em situação de violência doméstica, com foco na transição de definições de si associadas à vitimização para definições associadas à agência e à autonomia econômica. Parte-se do pressuposto de que a identidade é relacional, situada e negociada nas interações sociais, conforme Mead, Blumer, Goffman e Strauss. A categoria definição de situação orienta a compreensão de que a violência doméstica tende a restringir enquadramentos simbólicos e papéis disponíveis, afetando a percepção de possibilidades de ação. Adota-se a Design Science Research (DSR) como estratégia metodológica para definir requisitos, construir e demonstrar o artefato por meio de um curso-piloto estruturado em encontros sequenciais. O desenho do artefato mobiliza conceitos de self reflexivo (Eu/Me), role-taking, manejo de impressões, bastidores protegidos, trajetória e trabalho de identidade, articulando atividades de autorreflexão, experimentação de papéis e produção de registros. Os resultados do piloto, analisados a partir de observação participante, diário de campo e registros escritos, indicam deslocamentos na linguagem de si e na disponibilidade para ensaiar papéis

¹ Recebido em 25/02/2026. Aprovado em 13/03/2026. DOI: doi.org/10.5281/zenodo.19019470

² Universidade Federal do Paraná. ppgold.caroline@gmail.com

³ Universidade Federal do Paraná. janemff@yahoo.com.br



RELISE

233

associados à competência e à ação. Conclui-se que arranjos interacionais planejados podem favorecer redefinições de situação e apoiar processos de reorganização identitária em direção à identidade empreendedora.

Palavras-chave: identidade empreendedora, interacionismo simbólico, Design Science Research, violência doméstica, empreendedorismo.

ABSTRACT

This study examines how symbolic interactionism can inform the development of a formative artifact aimed at supporting identity reorganization among women experiencing domestic violence, here discussed in relation to intimate partner violence (IPV) as addressed in the international literature. Grounded in the assumption that identity is relational, situated, and continuously negotiated through social interaction, the study draws on Mead, Blumer, Goffman, and Strauss. Using Design Science Research (DSR), the research defines requirements, builds, and demonstrates the artifact through a pilot course structured in sequential sessions. The intervention mobilizes the reflexive self (I/Me), role-taking, impression management, protected backstages, trajectory, and identity work to foster self-reflection, experimentation with alternative symbolic positions, and the rehearsal of entrepreneurial identity claims. Evidence from participant observation, field notes, and written records suggests shifts in self-descriptions and increased willingness to enact roles associated with competence and agency. The study discusses how intentionally designed interactional arrangements may support redefinitions of situation and identity work toward entrepreneurial agency.

Keywords: entrepreneurial identity, symbolic interactionism, Design Science Research, domestic violence, entrepreneurship.

INTRODUÇÃO

A violência doméstica contra a mulher (VDCM) constitui um problema social com repercussões na esfera privada e na esfera pública. A VDCM é definida como “qualquer ato de violência de gênero que resulte ou possa resultar em danos ou sofrimentos físicos, sexuais ou mentais para as mulheres, inclusive ameaças, coação ou privação arbitrária de liberdade, em vida pública ou privada” (ONU Mulheres, 2015). A Organização Mundial da Saúde a reconhece como



RELISE

questão de saúde pública e violação de direitos humanos, em razão de impactos sobre o bem-estar físico, mental e social (WHO, 2023). No Brasil, desde a década de 1990, a violência doméstica passou a demandar intervenções sistemáticas, com efeitos sobre serviços especializados (Andrade; Fonseca, 2008; Signorelli; Auad; Pereira, 2013). No campo da segurança pública, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2025) indica que 64,3% dos homicídios de mulheres ocorrem no domicílio. No campo econômico, registram-se perdas estimadas em R\$ 975 milhões em 2016 associadas à ausência ao trabalho de mulheres vítimas de violência (Carvalho; Oliveira, 2017).

A permanência de mulheres em relações abusivas tem sido discutida a partir de diferentes fatores. A dependência financeira é frequentemente apontada como elemento que dificulta o rompimento com o agressor (ONU Mulheres, 2015; Amaral, 2023). Contudo, há indícios (Amaral, 2023; Amaral; Ferreira, 2024) que esse quadro não se sustenta apenas em limitações materiais, mas envolve processos simbólicos que influenciam a percepção de si e das possibilidades de ação.

Sob a perspectiva do interacionismo simbólico, esses processos podem ser analisados em termos de construção e verificação do *self*, de definição de situação e de restrição de papéis e audiências relevantes (Blumer, 1982; Goffman, 1985; Strauss, 1985). Essa abordagem permite relacionar violência, identidade e agência, conectando o problema social aos mecanismos interacionais que sustentam ou dificultam trajetórias de autonomia.

Nesse contexto, a possibilidade de empreender depende, entre outros aspectos, de como competências são percebidas, reconhecidas e negociadas nas interações sociais (Goffman, 1985; Strauss, 1985). Estudos sobre empreendedorismo feminino (Bandura, 1997; Eddleston; Powell, 2013; Ferreira; Nogueira, 2013) indicam a relevância de autoconfiança, valorização de habilidades, experiências, redes e reconhecimento simbólico na construção da



RELISE

235

identidade empreendedora. Diante disso, neste artigo é apresentada a construção e a demonstração de um artefato formativo orientado à reorganização identitária com foco na identidade empreendedora de mulheres em situação de violência doméstica, fundamentado no interacionismo simbólico e desenvolvido via Design Science Research (DSR).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção estão sistematizados os conceitos, argumentos e informações que sustentam o estudo, articulando temas: a violência doméstica e a permanência em relações abusivas, os pressupostos do interacionismo simbólico para a compreensão dos processos identitários e a identidade empreendedora como construção relacional. Busca-se, assim, estabelecer o encadeamento teórico que fundamenta a análise da desorganização identitária em contextos de violência e a proposição de estratégias formativas orientadas à reorganização da agência e da autonomia econômica.

Violência doméstica e permanência em relações abusivas

A VDCM tem sido descrita como fenômeno multidimensional, com efeitos sobre saúde, trabalho e condições de vida (Walker, 2016; Kind et al., 2013; Stochero; Pinto, 2023). Parte da literatura aponta associação entre violência e sintomas relacionados à saúde mental e a processos de isolamento social e tomada de decisão (Walker, 2016; Kind et al., 2013; Stochero; Pinto, 2023). No âmbito socioeconômico, estudos discutem efeitos sobre presença no trabalho, estabilidade ocupacional e renda, bem como custos para serviços públicos (Lloyd, 1997; Cerqueira; Moura; Pasinato, 2019; Silva; Nascimento, 2022; Deslandes; Silva; Ugá, 1998; Perova e Reynolds, 2017, p. 188 a 196).

No plano institucional e jurídico, o ordenamento brasileiro inclui dispositivos como a Constituição Federal (art. 226, §8º), a Lei Maria da Penha



RELISE

(Lei nº 11.340/2006) e a tipificação do feminicídio (Lei nº 13.104/2015). No Paraná, registram-se iniciativas como a Patrulha Maria da Penha, com atuação no acompanhamento de medidas protetivas (Relatório Diagnóstico PMPR, 2025). A existência de dispositivos institucionais não elimina a permanência de mulheres em relações abusivas, o que demanda abordagens que considerem dimensões materiais e simbólicas.

Interacionismo simbólico

Para o interacionismo simbólico, a identidade não é uma essência fixa, mas um processo de atribuição de significados a si mesmo, produzido e verificado na interação (Mead, 1967; Blumer, 1982; Goffman, 1985; Strauss, 1985). O self corresponde à capacidade reflexiva de tomar a si próprio como objeto. Em Mead (1967), o self pode ser compreendido na tensão entre o “Eu” (I) e o “Me” (Me), relacionado à internalização de expectativas sociais.

Blumer (1982) sistematiza a perspectiva ao sustentar que a ação se orienta por significados; que significados emergem da interação; e que significados são interpretados e modificados. Goffman (1985) descreve a apresentação de si, o manejo de impressões e as distinções entre frentes e bastidores, evidenciando que o self é performado e depende de audiências, validações, rupturas e reparos. Strauss (1985) enfatiza trajetórias, carreiras e trabalho de identidade, situando mudanças identitárias ao longo do tempo e em ordens negociadas.

Em contextos de violência doméstica, a definição de situação pode ser monopolizada pelo agressor, restringindo audiências, papéis e feedbacks disponíveis. Rótulos depreciativos, restrição de interações e isolamento social podem reduzir oportunidades de verificação identitária e estabilizar significados associados à incapacidade, dependência e desvalor (Blumer, 1982; Goffman,



RELISE

1985; Strauss, 1985). Nessa leitura, a violência se articula a mecanismos interacionais que afetam agência e tomada de decisão.

Identidade empreendedora como processo relacional

A identidade empreendedora pode ser compreendida como construção relacional e processual, que depende de audiências, reconhecimento e experiências situadas. Estudos sobre empreendedorismo feminino discutem o papel de autoconfiança, valorização de habilidades, experiências, redes e reconhecimento simbólico (Bandura, 1997; Eddleston; Powell, 2013; Ferreira; Nogueira, 2013). Parte da literatura também destaca processos de socialização e repertórios de ação associados à família, escola, redes de convivência e trabalho (Cavalcanti, 2007; Pereira et al., 2013; Santos et al., 2016; Bacelar et al., 2020), incluindo mediações por gênero e por expectativas normativas.

Determinantes psicossociais, crenças autoavaliativas, emoções, redes e condições contextuais influenciam a passagem da intenção à ação empreendedora (Machado, 2006; Nassif, 2016; Versiani et al., 2021). Barreiras como medo de fracasso, estereótipos, ausência de redes e restrições de crédito são discutidas como obstáculos à ação (Machado; Guedes; Gazola, 2017; Freitas; Teixeira, 2016). Em situações de violência doméstica, parte desses obstáculos se articula ao isolamento e aos processos de desorganização identitária.

Em síntese, a literatura sustenta que a violência doméstica pode comprometer condições interacionais de verificação identitária. Nessa perspectiva, estratégias formativas voltadas ao empreendedorismo, quando orientadas por mecanismos de redefinição de situação, ampliação de audiências e ensaio de papéis, podem apoiar processos de trabalho de identidade em direção a definições de si associadas à agência.



RELISE

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção estão descritos os procedimentos adotados para o desenvolvimento, a aplicação e a análise do artefato formativo, explicitando a estratégia de pesquisa, os critérios que orientaram sua construção, os instrumentos de produção de dados, os procedimentos analíticos e os cuidados éticos envolvidos. Busca-se, assim, apresentar de forma sistemática as escolhas metodológicas que sustentam a relação entre o referencial teórico, o desenho do artefato e as evidências empíricas mobilizadas no estudo.

Estratégia de pesquisa: Design Science Research (DSR)

O estudo adota a Design Science Research (DSR) para conceber e demonstrar um artefato educacional materializado em um curso formativo voltado ao fortalecimento da identidade empreendedora de mulheres em situação de violência doméstica. A DSR organiza o percurso em movimentos de compreensão do problema e definição de requisitos, desenvolvimento do artefato e avaliação/demonstração da solução (Peppers et al., 2007). A compreensão do problema foi sustentada por revisão de literatura sobre violência doméstica, processos identitários e empreendedorismo feminino, além da experiência profissional das pesquisadoras em contextos de atendimento e formação de mulheres vítimas de violência. Esses elementos subsidiaram requisitos como centralidade no fortalecimento identitário, estímulo à autonomia econômica, acessibilidade metodológica e possibilidade de replicação em contextos institucionais.

Artefato: curso formativo em encontros sequenciais

O artefato consiste em um curso estruturado em quatro encontros, organizado em eixos vinculados a identidade, autorreflexão, ressignificação de trajetórias, empreendedorismo e projeção de ações. O desenho pedagógico



RELISE

privilegia metodologias participativas, como rodas de conversa, dinâmicas reflexivas, atividades em grupo e registros escritos, compreendidos como dispositivos de produção de sentidos e de trabalho identitário, coerentes com o referencial do interacionismo simbólico.

Produção e análise de dados

A produção de dados ocorreu por observação participante, diário de campo das pesquisadoras e registros escritos elaborados pelas participantes no início e ao final do curso. A análise seguiu orientação qualitativa e interpretativa, buscando identificar mudanças nos sentidos atribuídos a si, às capacidades e às possibilidades de inserção produtiva, com foco na passagem de definições associadas à dependência para definições associadas à agência e à competência.

Procedimentos éticos

Foram assegurados anonimato, participação voluntária e direito de desistência, além de cuidados para evitar exposição, constrangimento ou revitimização. A condução do curso e a produção de registros seguiram princípios de respeito e proteção às participantes.

DESCRIÇÃO, DEMONSTRAÇÃO E ANÁLISE DO ARTEFATO

Esta seção destina-se à descrição do contexto de aplicação, a estrutura do artefato formativo e a análise dos dados produzidos durante sua demonstração por meio do curso-piloto. A exposição articula três dimensões: (i) as condições institucionais e interacionais que orientaram a escolha do local e a implementação da proposta; (ii) o desenho pedagógico e metodológico do artefato, fundamentado nos pressupostos do interacionismo simbólico; e (iii) as evidências empíricas derivadas da observação participante, dos registros



RELISE

escritos e do diário de campo, interpretadas à luz das categorias teóricas mobilizadas. Busca-se, assim, explicitar a relação entre o referencial conceitual, as escolhas de design e os processos de reorganização identitária observados ao longo dos encontros.

Contexto de demonstração e escolha do local

A definição do local de demonstração foi tratada como parte do design do artefato, considerando que o ambiente influencia audiências, feedbacks e definições de situação relevantes. Inicialmente, buscou-se parceria institucional em Curitiba/PR, sem formalização. Com apoio da Patrulha Maria da Penha/PMPR, a busca foi ampliada para São José dos Pinhais/PR. Uma casa de acolhimento visitada não aderiu à proposta e apresentou restrições sobre o escopo do empreendedorismo feminino, associando-o a práticas manuais. Em seguida, estabeleceu-se parceria com a ONG Respeito Não Tem Cor, organização que atua com mulheres negras, refugiadas e em situação de violência doméstica, oferecendo ações educativas, apoio psicológico e orientação jurídica. A ONG já mantinha parceria com a PMPR e realizava encontros semanais. As pesquisadoras passaram a frequentar o grupo como observadoras participantes, visando à construção de vínculo, e posteriormente pactuaram quatro encontros para a demonstração do curso.

Estrutura do artefato “Espelho d’Alma”

O produto técnico-tecnológico intitula-se *Espelho d’Alma: metodologia formativa para a construção da identidade empreendedora em mulheres em situação de violência doméstica* e foi desenvolvido entre março e abril de 2025. O curso foi conduzido com um grupo cuja participação variou, ao longo dos encontros, entre oito e doze mulheres.



RELISE

O artefato organiza-se em quatro encontros presenciais com atividades de escrita, discussão orientada, dinâmicas de reconhecimento e exercícios de projeção. Como materiais, utilizaram-se slides e itens de registro (papel, canetas e recortes), tratados como recursos de expressão e como suportes para a construção de significados.

O desenho do curso articula categorias do interacionismo simbólico:

- a) Self reflexivo (Eu/Me): atividades de “quem eu digo que sou” e registros pessoais para explicitar expectativas internalizadas e alternativas de resposta (Mead, 1967).
- b) Definição de situação: exercícios de identificação de rótulos e de reinterpretção de episódios para deslocar enquadramentos (Blumer, 1982).
- c) Role-taking: dinâmicas de experimentação de posições como participante ativa, mulher capaz e empreendedora em formação (Mead, 1967; Strauss, 1985).
- d) Manejo de impressões e bastidores protegidos: regras de interação e ambiente de confidencialidade para permitir ensaio de apresentações de si (Goffman, 1985).
- e) Trajetória e trabalho de identidade: progressão dos encontros como sequência de revisão de significados e construção de continuidade biográfica (Strauss, 1985).

Evidências por encontro e implicações para o design

Encontro 1 – Identidade e autorreflexão

No encontro foram propostos exercícios de escrita sobre autodefinição e nomeação de características. Observou-se dificuldade de autoatribuição positiva, além de silêncio e emoção em parte das participantes. À luz do interacionismo simbólico, essa reação pode ser interpretada como sinal de



restrição de arenas de verificação identitária e de baixa disponibilidade para reivindicações públicas de competência (Mead, 1967; Stets; Burke, 2000). Como implicação para o design, identificou-se a necessidade de iniciar a sequência com atividades menos diretas como, por exemplo, narrativas breves e linha do tempo, e instituir ciclos curtos de feedback confirmatório antes de perguntas explícitas sobre “quem sou”.

Encontro 2 – Empreendedorismo e autonomia

No encontro, foi tratado o empreendedorismo como possibilidade de autonomia econômica com foco em identificação de habilidades, interesses e primeiros passos. Observou-se maior participação em atividades baseadas em experiências pessoais do que em blocos expositivos. O resultado sugere que a interação orientada por tomada de papéis e devolutivas produz mais material para trabalho de identidade do que a recepção de conteúdos (Blumer, 1982; Strauss, 1985). Como implicação para o design, recomenda-se reduzir exposição e ampliar dispositivos dialógicos e de reconhecimento de competências.

Encontro 3 – Comparação social e reconhecimento

Foram abordadas a comparação entre mulheres. Observou-se predominância de referências a aspectos estéticos no início, seguida de maior elaboração quando foram utilizadas atividades de linha do tempo com conquistas e aprendizados. O compartilhamento em grupo funcionou como arena de apresentação de si e de reconhecimento entre pares. Como implicação, recomenda-se orientar a comparação para competências, decisões e episódios de ação, criando registros cumulativos de conquistas.

Encontro 4 – Narrativas de superação e projeção



RELISE

Neste encontro foram utilizadas material audiovisuais mostrando a experiência de mulheres que reconstruíram trajetórias por meio do trabalho e do empreendedorismo, além de explicações sobre Lei Maria da Penha e tipos de violência. Os vídeos operaram como modelos simbólicos e ampliaram repertórios de papéis possíveis (Strauss, 1985; Goffman, 1985). O exercício de escrita de carta para si articulou passado, presente e projeção de futuro, funcionando como registro de continuidade biográfica e de metas.

Síntese do piloto

As evidências do projeto piloto indicam que a reorganização identitária ocorre por sequências que combinam acolhimento, ensaio de papéis, devolutivas, registros e ampliação de audiências. Perguntas diretas sobre identidade tendem a produzir mais material quando antecedidas por atividades narrativas e por rituais de segurança relacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo partiu da tese defendida por Amaral (2023) de que a dependência financeira, frequentemente mencionada por mulheres em situação de violência, como justificativa de permanência com o agressor, pode operar como superfície de processos de ordem identitária. À luz do interacionismo simbólico, a identidade é tratada como processo relacional e verificável na interação (Mead, 1967; Blumer, 1982; Goffman, 1985; Strauss, 1985; Stets; Burke, 2000). A análise sustenta que a violência doméstica atua na desorganização de processos de verificação identitária e na restrição de contextos de confirmação, por meio de monopólio da definição de situação, rótulos depreciativos e limitação de role-taking alternativo.

Com base nessa perspectiva, o artefato formativo Espelho d'Alma foi construído e demonstrado segundo a Design Science Research (Peppers et al.,



RELISE

2007). A demonstração sugere que práticas de acolhimento, exercícios narrativos e uso de artefatos materiais (por exemplo, linha do tempo e carta para si) funcionam como dispositivos de trabalho identitário, possibilitando micro sequências de *ensaio–feedback–reconhecimento*. A partir dessas sequências, observaram-se deslocamentos na linguagem de si e na disposição para assumir papéis associados à competência e à ação.

Do ponto de vista metodológico, há alinhamento entre o referencial teórico e o design do artefato, uma vez que categorias interacionistas foram traduzidas em atividades e analisadas a partir de observação participante, diário de campo e registros escritos. Também se identificaram limites e necessidades de ajuste, como baixa participação em blocos expositivos, demanda de preparo do mediador para lidar com carga emocional e aspectos logísticos relacionados ao uso de mídias e materiais. Esses elementos foram incorporados em proposta de aprimoramento do artefato.

Como contribuições, o estudo apresenta: (a) um artefato formativo com roteiro metodológico replicável, ancorado no interacionismo simbólico; (b) uma lógica de avaliação processual baseada em definição de situação, papéis, audiências e artefatos; e (c) evidências de que arranjos interacionais desenhados podem apoiar a reorganização de processos de verificação identitária em direção à agência econômica. Os limites relacionam-se à duração do curso, ao número de participantes e à presença intermitente, fatores que restringem a estabilização de significados ao longo do tempo. Como desdobramentos, indica-se testar o artefato em séries mais longas, integrar medições periódicas e explorar adaptações para outros contextos institucionais.

Os achados sugerem que a autonomia econômica requer condições interacionais para a verificação identitária, e que metodologias formativas podem operar como tecnologias públicas para apoiar esse processo.



RELISE

245

REFERÊNCIAS

AMARAL, V. R. *O resgate de Marias: a subjetividade ferida de mulheres vítimas de violência doméstica e o ensino de empreendedorismo como alternativa para enfrentamento*. 2023. Dissertação (Mestrado em Gestão de Organizações) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2023. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/87410>. Acesso em: 20 ago. 2023.

AMARAL, V. R.; FERREIRA, J.M. O resgate de Marias: a identidade ferida de mulheres e o empreendedorismo como alternativa para enfrentamento da violência doméstica. *Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo*, v. 9, número especial, 2024. Disponível em: <https://www.relise.eco.br/index.php/relise/article/view/1032>. Acesso em: 10/02/2026.

ANDRADE, C. J. M.; FONSECA, R. M. G. S. Considerações sobre violência doméstica, gênero e o trabalho das equipes de saúde da família. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 42, n. 3, p. 591-595, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342008000300025> e <https://repositorio.usp.br/item/001694111>. Acesso em: 04 nov. 2025.

BACELAR, A. S.; GOMES, A. F.; SANTANA, W. G. P.; SANTOS, R. A. A influência das socializações no processo decisório de mulheres empreendedoras. *Gestão e Desenvolvimento*, v. 17, n. 3, p. 192-217, 2020. Disponível em: <https://www.spell.org.br/documentos/ver/62137/a-influencia-das-socializacoes-no-processo-decisorio-de-mulheres-empreendedoras>. Acesso em: 31 out. 2025.

BANDURA, A. *Self-efficacy: the exercise of control*. New York: W. H. Freeman and Company, 1997.

BLUMER, H. *O interacionismo simbólico: perspectiva e método*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 2 set. 2025.



RELISE

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher [...]. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 8 ago. 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 2 set. 2025.

BRASIL. Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015. Altera o Código Penal para tipificar o crime de feminicídio e dispõe sobre medidas de proteção às mulheres. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 10 mar. 2015.

CARVALHO, J. R.; OLIVEIRA, V. H. *Pesquisa de condições socioeconômicas e violência doméstica e familiar contra a mulher – PCSVDFMulher: relatório executivo II – primeira onda – 2016*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará / Instituto Maria da Penha, 2017.

CAVALCANTI, M. O ensino do empreendedorismo no Brasil na universidade pública e o apoio à mulher empreendedora: algumas reflexões críticas. *Revista de Administração da UNIMEP*, v. 5, n. 1, p. 99-117, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2737/273720501005.pdf>. Acesso em: 31 out. 2025.

CERQUEIRA, D.; MOURA, R.; PASINATO, W. *Participação no mercado de trabalho e violência doméstica contra mulheres no Brasil*. Texto para Discussão n. 2501. Brasília, DF; Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea, 2019. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br>. Acesso em: 27 out. 2025.

DESLANDES, S. F.; SILVA, C. M. F. P.; UGÁ, M. A. D. O custo do atendimento emergencial às vítimas de violências em dois hospitais do Rio de Janeiro. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 14, n. 2, p. 287-299, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1998000200005>. Acesso em: 25 set. 2025.

EDDLESTON, K. A.; POWELL, G. N. Linking family-to-business enrichment and support to entrepreneurial success: do female and male entrepreneurs experience different outcomes? *Journal of Business Venturing*, v. 28, n. 2, p. 261-280, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2012.02.007>. Acesso em: 23 out. 2025.

FERREIRA, J. M.; NOGUEIRA, E. E. S. Mulheres e suas histórias: razão, sensibilidade e subjetividade no empreendedorismo feminino. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, v. 17, p. 398-417, 2013. DOI: 10.1590/1678-69712013v17p398. Disponível em:



RELISE

247

<https://www.scielo.br/j/rac/a/dZJhFMBsrcLmwjq46nP9CBd/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 31 out. 2025.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *19º Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2025. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/279>. Acesso em: 1º set. 2025.

FREITAS, R. K.; TEIXEIRA, R. M. Identificação de oportunidades empreendedoras por mulheres. *Revista Economia & Gestão*, v. 16, n. 44, p. 81-108, 2016. Disponível em: <https://www.spell.org.br/documentos/ver/44082/identificacao-de-oportunidades-empendedoras-por-mulheres>. Acesso em: 31 out. 2025.

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.

KIND, L. et al. Subnotificação e (in)visibilidade da violência contra mulheres na atenção primária à saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 29, n. 9, p. 1805-1815, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00096312>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/6VCrW7vF7NBYhTNsQ3GYsR/>. Acesso em: 19 set. 2025.

LLOYD, S. The effects of domestic violence on women's employment. *Law and Policy*, v. 19, n. 2, p. 139-167, 1997. DOI: 10.1111/1467-9930.00026. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1467-9930.00026>. Acesso em: 31 out. 2025.

MACHADO, H. V. Expressão emocional no exercício da atividade empreendedora por mulheres. *Organizações & Sociedade*, v. 13, n. 38, p. 59-72, 2006. Disponível em: <https://www.spell.org.br/documentos/ver/23165/expressao-emocional-no-exercicio-da-atividade-empendedoras-por-mulheres>. Acesso em: 31 out. 2025.

MACHADO, H. P. V.; GUEDES, A.; GAZOLA, S. Determinantes e dificuldades de crescimento para mulheres empreendedoras. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, v. 11, n. 1, p. 85-99, 2017. Disponível em: <https://www.spell.org.br/documentos/ver/45028/determinantes-e-dificuldades-de-crescimento-para-mulheres-empendedoras->. Acesso em: 31 out. 2025.



RELISE

MEAD, G. H. *Mind, self & society: from a standpoint of a social behaviorist*. Chicago: The University of Chicago Press, 1967.

NASSIF, V. M. J.; ANDREASSI, T.; TONELLI, M. J. Critical incidents among women entrepreneurs: personal and professional issues. *RAUSP Management Journal*, v. 51, n. 2, p. 212-224, 2016. Disponível em: <https://www.spell.org.br/documentos/ver/41555/incidentes-criticos-envolvendo-mulheres-empendedoras--o-entrelacamento-de-questoes-pessoais-e-profissionais->. Acesso em: 31 out. 2025.

ONU MULHERES. *Progress of the world's women 2015–2016: transforming economies, realizing rights*. New York: United Nations, 2015.

PEFFERS, K.; ROTHENBERG, S.; HANDBERG, G.; CHERNS, A. A design science research methodology for information systems research. *Journal of Management Information Systems*, v. 24, n. 3, p. 45-77, 2007.

PEREIRA, G. D. F.; CORDEIRO, A. T.; SILVA, M. A. P.; BATISTA, M. M. Empreendedorismo regional: um olhar sobre a identidade cultural em narrativas locais. *Revista de Negócios*, v. 18, n. 2, p. 3-26, 2013. DOI: 10.7867/1980-4431.2013v18n2p3-26. Disponível em: <https://www.spell.org.br/documentos/ver/10354/empreendedorismo-regional--um-olhar-sobre-a-identidade-cultural-em-narrativas-locais>. Acesso em: 31 out. 2025.

PEROVA, E.; REYNOLDS, S.. Women's police stations and intimate partner violence: Evidence from Brazil. *Social Science & Medicine*, v. 174, p. 188–196, fev. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2016.12.008>. Acesso em: 12 fev. 2025.

POLÍCIA MILITAR DO PARANÁ - PMPR. Relatório Diagnóstico da Patrulha Maria da Penha 2025. Documento interno. 2025.

SANTOS, C. M. M.; CARVALHO NETO, A.; CAEIRO, M.; VERSIANI, F.; MARTINS, M. G. As mulheres estão quebrando as três paredes de vidro? Um estudo com empreendedoras mineiras. *Economia & Gestão*, v. 16, n. 45, p. 126-149, out./dez. 2016. DOI: 10.5752/P.1984-6606.2016v16n45p126. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/economiaegestao/article/view/P.1984-6606.2016v16n45p126>. Acesso em: 31 out. 2025.



RELISE

249

SIGNORELLI, M. C.; AUAD, D.; PEREIRA, M. C. Violência doméstica contra a mulher: contexto sociocultural e saúde mental da vítima. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas e Comportamentais*, Montes Claros, v. 9, n. 2, p. 143-151, 2013. Disponível em:

<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/rds/article/download/2023/2126>.

Acesso em: 23 out. 2025.

SILVA, E. B. da; NASCIMENTO, R. P. Trabalho e violência doméstica: uma investigação a partir de grupos de apoio às vítimas no Facebook. *Cadernos EBAPE.BR*, v. 20, n. 5, p. 675-687, set. 2022. DOI: 10.1590/1679-395120210138. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape>. Acesso em: 31 out. 2025.

STETS, J. E.; BURKE, P. J. Identity theory and social identity theory. *Social Psychology Quarterly*, v. 63, n. 3, p. 224-237, 2000.

STOCHERO, L.; PINTO, L. W. Violência contra as mulheres que vivem em contextos rurais: uma revisão integrativa. *Saúde e Sociedade*, v. 32, n. 3, p. e210595pt, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sausoc/article/view/210595>. Acesso em: 24 out. 2025.

STRAUSS, A. *Espelhos e máscaras: a busca pela identidade*. São Paulo: Edusp, 1985.

VERSIONI, F.; MOTA-SANTOS, C.; CARVALHO NETO, A.; CAEIRO, M. L. Consequências (não) premeditadas do empreendedorismo para a mulher. *Revista de Administração FACES Journal*, v. 20, n. 2, p. 10-28, 2021. DOI: 10.21714/1984-6975FACES2021V20N2ART7234.

WALKER, L. E. A. *The battered woman syndrome*. 4. ed. New York: Springer Publishing Company, 2016.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. WHO addresses violence against women as a gender equality and health priority. Geneva: WHO, 17 jul. 2023. Disponível em: <https://www.who.int/news/item/17-07-2023-who-addresses-violence-against-women-as-a-gender-equality-and-health-priority>. Acesso em: 4 nov. 2025.